

3º Concurso FNLIJ Leia Comigo! 2004

Relato Real:

A VOZ, A POESIA E O MUNDO

Autor: Fabiano dos Santos

Currais Novos - RN

A minha avó veio antes de qualquer livro. Era ela quem nos contava as histórias de encantamento, de humor, de mistérios, de aventura, da bíblia e de sua própria vida. Minha avó era a maior contadora de histórias do mundo e eu estava ali, na barra do seu vestido. Sua presença era a convivência das palavras. É que o contador de histórias vem antes do escritor.

O livro veio com a minha mãe. Pai sempre gostava de comprar as novidades das coleções dos livreiros que batiam à nossa porta. Foi com as fábulas, contos e lendas desses livros que mãe nos ensinou a ler. Lia para a gente dormir e para a gente acordar. Era no acalanto de sua voz que histórias como *Soldadinho de Chumbo* e *Negrinho do Pastoreio* saíam das páginas para ganhar cores e movimentos na nossa imaginação.

E o tempo passou num galope e cresci com os livros atravessando meu corpo inteiro. Atravessando minha alma de menino com as aventuras de Monteiro Lobato e a adolescência com poemas de Vinícius de Moraes – que eram distribuídos como se fossem flores para as paqueras da escola. Mas, quando dei por mim, já era pai aos dezenove anos. Meu filho Pedro nasceu e eu nem sabia direito como construir o mundo com ele. Foi quando lembrei das histórias de minha avó e das leituras noturnas de minha mãe.

Então, todas as noites, eu e Maria cantávamos acalanto e líamos histórias na rede azul para Pedro dormir. Mas teve um dia e a criança mudou o rumo da coisa. Pedro falou uma frase no meio do tempo como se estivesse soprando uma folha:

— *Estou esperando as borboletas. As borboletas bem grandão. Daquelas que vua.* Não demorou dez segundos e completou:

— Elas foram todas embora porque tinham o gostinho da mãezinha delas.

Pulei da rede, peguei o caderno e fui anotar as frases que saíam do universo do menino. Desde então, Pedro também começou a contar histórias. O que era de bicho se transformando em gente e gente se transformando em bicho não estava no gibi. O tempo foi passando e tive que comprar um gravador para acompanhar as histórias de antes do sono. Depois nasceu o João e vivenciamos a mesma coisa. Só que João gostava também de contar seus sonhos logo de manhã. Hoje temos mais de *mil e uma histórias* da infância guardadas em folhas, em fitas cassetes, na memória e no coração da gente.

Ao longo desse tempo, sempre tenho chegado em casa com livros que logo são transformados em brinquedos ou jogos de inventar mundos diversos. Foi assim que descobrimos os livros de Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Ziraldo, Sylvia Orthof, Lygia Bojunga, Pedro Bandeira, Roseana Murray, Angela Lago, entre tantos bons autores, além de me reencontrar com a obra de Monteiro Lobato, com os contos clássicos e com as lendas populares.

Era com esse universo que a gente brincava de ler o mundo. Ou melhor,

que a gente brinca. Tem hora que cada um lê na sua, desprendido do tempo. Mas, na maioria das vezes, escolhemos um livro para lermos juntos, estirados no tapete ou deitados na cama, naquela horinha do sono ou num fim de tarde de domingo. Essas leituras vão nos sugerindo direções e encontros diversos. Às vezes, nos levam para um filme, uma brincadeira, uma lembrança, um sonho, uma idéia, um sentimento ou para um outro livro. E assim, a gente vai estabelecendo relações entre o que se lê com o mundo e com a vida de cada um. Nessa vivência, estamos montando uma biblioteca que gostamos de compartilhar com os primos, sobrinhos, tios e amigos.

Gosto de pensar a leitura como uma espécie de encontro vocal. A criança se relacionando com o escritor e vice-versa através de múltiplas vozes: a mãe, o pai, a avó, o avô, a tia, a professora lendo para os pequenos. Gosto também de imaginar como um encontro poético. Perceber a leitura como uma maneira de transformar o mundo através da sensibilidade e do sentimento das palavras. Como uma redescoberta da linguagem da infância. Aquela que nos faz conversar com o passarinho, o vento, o brinquedo e até com o invisível. Mas a gente vai crescendo e negando essa linguagem primordial. Penso que para poder se relacionar com o universo da criança, seria bom o adulto resgatar essa sensibilidade verbal da infância. Por fim, gosto de crer na leitura como uma experiência de descoberta do mundo, do outro e de si mesmo.

No mais, é dizer que ler com os filhos é uma maneira muito bacana para conversar com eles sobre as coisas do mundo e da vida, sobre as coisas que moram dentro da gente e as que vivem fora de nosso corpo. Além de possibilitar um ótimo exercício de ser criança, aprendendo com os filhos novas leituras do mundo. Mas, o bom disso tudo, o bom mesmo, é que ficamos mais juntinhos. É como se ler fosse um abraço e um carinho gostoso.

E os meninos estão crescendo, Pedro já tem 15 anos e João 10. Sempre os vejo lendo livros bacanas de seus interesses. Mas nós continuamos cantando e contando histórias. Celebrando a voz e o aconchego, esperando uma leitura que nos faça dormir e prolongar em sonhos as fábulas do mundo.

Relato Ficcional:

PAPAI, HANS, OS IRMÃOS E EU

Autora: Ana Beth Meyer

Campinas - SP

Por vezes papai vinha com aquela história perturbadora: certa vez, quando criança, subiu numa árvore e, tesouro para menino, viu um ninho com filhotes de passarinho. Um daqueles seria seu! Escolheu com cuidado e amarrou-lhe um barbante na pata, preso ao galho. Todas as tardes ia espiar até que um dia – metal pontiagudo – encontrou apenas a pata pendurada no barbante. Eu ouvia quieta engolindo as lágrimas. Dó do passarinho sem perna. Dó de meu pai menino experimentando tamanha tormenta. Dó de mim mesma percebendo nossa distância pela minha falta de coragem em compartilhar dó tão doído. Às vezes a palavra é de prata e o silêncio é de chumbo.

Numa viagem, pela primeira vez, o **não** firme de meu pai titubeou a ponto de reluzir no que seria, ainda não sabíamos, nosso melhor **sim**. Uma coleção com contos de Andersen e Grimm teria sido a responsável por tal façanha. Desta vez meu desejo “ultrajovem” fora verdadeiro o suficiente para fazer papai mudar de idéia. Voltei triunfante com meus livros na bagagem.

Depois disso, antes do almoço nos deitávamos juntos, papai acendia o abajur e improvisávamos aquela insuspeita cumplicidade. Sua voz tranquila ninava minha tristeza quando a sereiazinha se transformava em espuma do mar, e soava mais forte que o pior dos lobos, que a mais terrível madrasta. Aprendi a ler juntando as letras àquela melodia.

Quando caía temporal, era inevitável que papai salvasse algum passarinho em apuros usando uma caixa de sapatos com furos caprichosamente planejados. Acabada a chuva, ele acompanhava o vôo com olhar solar. Acho que era a sua redenção. Quanto à minha, encontro nos livros.

Menção Honrosa

Relato Ficcional:

ERA UMA VEZ UMA VEZ UMA PROFESSORA E OUTRA

Autor: Fabiano do Santos

Currais Novos – RN

Era uma professora do interior do Brasil que não gostava de ler nem de escrever. Quando ficava doente, tinha preguiça de ler até a receita do médico. Lia o livro didático porque era o jeito e, mesmo porque, já o tinha decorado todo.

Ensinava numa escola pública onde encontrava-se uma excelente biblioteca com livros de tudo que era cor, forma e tamanho. De suas folhas saltavam contos, fábulas, poemas, prosas, cordéis, romances, ensaios de onde escapuliam ou voavam todo tipo de gente e bichos.

Mas, toda vez que passava em frente da biblioteca, fazia careta, sentia uma dorzinha na barriga e apressava o passo.

Seus alunos até que sentiam curiosidade pelos livros coloridos. Mas a professora dizia que era perda de tempo e que não ia dar para ver a matéria inteira do livro didático.

Estranho é que a professora tinha uma mania terrível de reclamar nos corredores da escola que seus alunos não sabiam ler, que escreviam tudo errado e que não sabia mais o que fazer com aquelas crianças danadas e preguiçosas.

No outro dia, pegava o livro didático e continuava na página seguinte. Essa era sua cantilena linear durante o ano inteiro.

Assim, a professora trabalhava e dormia sossegada. Depois, só fazia aprovar ou reprovar seus alunos e continuava com aquela mania pelos corredores.

Nessa mesma escola tinha uma outra professora. Sua mania também era outra. Gostava muito de contar e de ler histórias para sua filha desde quando ela era bem pequenina. E não fazia diferente na escola. Gostava de levar seus alunos para a biblioteca e lá escolhiam livros diversos.

As crianças liam na sombra da mangueira, no pátio, em sala de aula ou levavam os livros para ler em casa com seus pais. Nessa aventura, crianças se desprendiam de si em leituras silenciosas, como se tivessem todo o tempo do

mundo. Outras declamavam poemas de Vinícius de Moraes ou de Patativa do Assaré como se espalhassem canções pelo pátio. Tinha aquelas que dramatizavam histórias de Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Sylvia Orthof, Luis Fernando Veríssimo como se as histórias fizessem parte de seus corpos. Algumas simplesmente levavam para casa e liam com seus pais na hora do sono, prolongando em sonhos poemas de Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Cora Coralina, José Paulo Paes, Manoel de Barros, fazendo da leitura um aconchego familiar.

Na escola, a professora criava rodas de leituras, onde debatiam sobre os textos lidos e descobriam palavras, universos, tempos e espaços diferentes. As crianças riam com as histórias engraçadas, se emocionavam com muitos livros e conversavam sobre as coisas do mundo e da vida. A turma fazia da leitura uma experiência, uma viagem de descoberta do mundo, de si e do outro.

Para a professora, poesia era transformar uma coisa em outra. Talvez, por isso, gostasse tanto de transformar a leitura em outras expressões. A turma produzia dramatizações, cantos, danças, brinquedos, brincadeiras e criava textos ilustrados: fábulas, contos, poemas, quadrinhos, canções, cartas, bilhetes, problemas matemáticos, explorações científicas, viagens históricas, descrições geográficas... Tudo confeccionado em livros coloridos.

É que essa professora sabia que quanto mais seus alunos viajassem no universo literário, mais possibilidades teriam de compreender as leituras e de escrever textos significativos. Mas não pense que a professora fazia da leitura uma obrigação. Tipo ler para responder um questionário ou para fazer uma prova. As crianças liam livremente. Liam como se estivessem brincando de ciranda.

Assim, a professora trabalhava, dormia e sonhava. Fazendo da leitura um encontro dialógico entre o mundo das crianças e o universo literário dos autores. No dia seguinte, ela voltava para a escola cheia de alegria no coração, sabendo que o caminho do conhecimento é o amor e que ler é uma aventura prazerosa.